



Luiz Agner

Ilustrador e designer. Doutorando em Design pela PUC-Rio, é professor da Escola de Comunicação e Artes da UniverCidade e da pós em usabilidade de interfaces da PUC-Rio. Além de dar aulas, trabalha atualmente no IBGE. É autor do livro "Ergodesign e arquitetura de informação: trabalhando com o usuário" (Quartet, 2006).
luizagner@gmail.com

Cortina de fumaça

A quantidade de dados armazenados no mundo atingiu recentemente 160 hexabytes. Pela primeira vez na história, a informação está sendo produzida em um ritmo que excede as nossas habilidades para encontrá-la, gerenciá-la, revisá-la e compreendê-la. Se havia dez revistas de comunicação em 1750, o seu número foi multiplicado para aproximadamente dez mil por volta de 1900.

Hoje, podemos identificar um milhão e cem mil periódicos registrados no ISSN (International Standard Serial Number - Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadadas), um crescimento exponencial. A tarefa de se manter atualizado na própria área de especialização está se tornando cada vez mais difícil.

Acontece que as pessoas têm níveis de tolerância fisiológica à informação. A quantidade de informação e sua compreensão estão positivamente correlacionadas até um determinado grau. Acima desse ponto, a compreensão começa a declinar. Há um efeito negativo sobre o que já foi aprendido.

Os meios de comunicação despejam em cima de nós volumes cada vez maiores de dados e de notícias a velocidades estonteantes. Encontrar o que é relevante passou a ser uma tarefa árdua. Ninguém merece! Papos-cabeça sobre a Web 2.0 à parte, no passado, a informação costumava passar pelas mãos de bibliotecários, jornalistas, educadores e de fontes com credibilidade. Atualmente, grande parte dela é imprecisa e duvidosa. Na mídia de massa, ainda por cima, mistura-se à quantidade à baixa qualidade.

A crise contemporânea é justamente a de como transformar esse mundaréu de informações em conhecimento. Tudo isso acaba funcionando como uma espécie de cortina de fumaça.

A era da informação consiste, na verdade, numa explosão de dados. E a sociedade está preocupada com a sua incapacidade de tratar, entender, manipular ou compreender a epidemia de dados que passou a tomar conta de nossas vidas.

Elementos isolados de dados, notícias ou estatísticas pouco significam. Só quando são, de alguma forma, agregados ou processados, o seu significado começa a se tornar claro. Como disse o arquiteto Wurman, o exagero típico na nossa era turvou as diferenças entre dados e informação, e embaralhou fatos e conhecimento. Precisamos de empresas dedicadas a tornar a informação acessível e compreensível, e de novas formas de interpretar os dados. Para isso, é preciso reeducar as pessoas que produzem informação.

Vamos encarar a realidade. Depois de mais de uma década de desenvolvimento da web, a maior parte dos sites ainda são muito ruins. Um site comum, de qualquer complexidade, revela centenas de problemas após poucos testes de usabilidade. Seus conteúdos são redigidos como se fosse propaganda. Redesenham-se os sites sem sucesso, ano após ano. Nas organizações, opções estratégicas são realizadas sem que, ao menos, se perceba que uma decisão foi tomada. O logo e as cores institucionais são consideradas suficientes para desenvolver o branding. Dados são disseminados no lugar da verdadeira informação. Os usuários andam perdidos e frustrados.



“Vamos encarar a realidade. Depois de mais de uma década de desenvolvimento da web, a maior parte dos sites ainda são muito ruins”

Por tudo isso, não é surpreendente a emergência de uma nova profissão para lidar com estas questões: a Arquitetura de Informação. Ela está envolvida com o projeto, a implementação e a manutenção dos espaços informacionais, explicou o “Journal of the American Society for Information Science and Technology”. Os arquitetos não medem esforços para realizar todo o potencial das tecnologias de comunicação. Consideram diversas disciplinas como o ergodesign, a ciência da informação, o marketing estratégico, o webwriting e a programação. Todas estas devem trabalhar em sinergia e evitar uma competição departamental. A Arquitetura de Informação é, por definição, um campo de prática e de estudos interdisciplinares.

Desenvolver um projeto de AI não é simples, porque a linguagem é ambígua, a organização da informação é subjetiva, e os objetivos e as metas de um site são complexos. Mas a Arquitetura é fundamental, pois as empresas precisam considerar os custos relacionados aos ambientes informacionais como:

- o custo de encontrar a informação (tempo, frustrações);
- o custo de não encontrá-la (decisões erradas, utilização de canais mais caros como, por exemplo, o telefone);
- o custo da produção (que envolve a equipe, a tecnologia, o planejamento);
- o custo de manutenção (que envolve a gestão e os redesenhos);
- o custo dos treinamentos (empregados e o turnover);
- o valor da educação (que pode alavancar à venda casada de produtos);
- o custo do branding (a construção da reputação dos produtos).

A AI está aberta à atuação do designer, desde que devidamente aparelhado e capacitado, com as ferramentas teóricas e técnicas adequadas. E os melhores designers já sabem que conhecer o modelo mental dos usuários e projetar para ele não representa nenhuma ameaça à sua criatividade.✕

Crédito da foto: Julia Caldas

BRS | BRASIL SITE





**Experimente nossos serviços.
Seu site merece ficar em boas mãos!**

**HOSPEDAGEM com
15 a 30 dias grátis**

- Servidores Dedicados
- Servidores Virtuais



Velocidade e Qualidade + 500 MB = R\$10,90 mês

BRS - BRASIL SITE www.brs.com.br brs@brs.com.br 11 - 6953-5106